

LITERATURA INDÍGENA: A PERCEPÇÃO DAS CRIANÇAS ALUNAS DO 6º E 7º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE OS CONTOS INDÍGENAS TRABALHADOS EM SALA DE AULA PELOS/PELAS DOCENTES¹

*Luciane Barros da Silva*² (UEMASUL)

luciane.itz@gmail.com

Lilian Castelo Branco de Lima (UEMASUL)

professoraliliancastelo@gmail.com

Ilma Maria de Oliveira Silva (UEMASUL)

ilmamsilva@bol.com.br

RESUMO

O presente trabalho aborda temáticas relacionadas à Literatura Indígena na educação básica. Sabe-se que a Literatura é reconhecida como uma arte, tal qual o cinema e a música, podendo e devendo ser fruída como tal, e igualmente carregada de significação e singularidade. Contudo, o que se percebe na prática, nas escolas, é que o que predomina no imaginário dos alunos são as histórias do cânone eurocêntrico, de forma que muitas vezes a literatura indígena se referencia limitadamente às histórias folclóricas mais conhecidas. Assim, com base em um estudo bibliográfico, realizou-se uma pesquisa de campo em uma escola de Ensino Fundamental, com foco para a literatura indígena, visando analisar a percepção dos alunos do 6º e 7º anos do Ensino Fundamental sobre os contos indígenas, trabalhados em sala de aula pelas docentes. Constatou-se tanto que o conhecimento dos discentes sobre a temática era incipiente, como que a visão que eles tinham sobre os povos indígenas, antes da realização do projeto, era caricata e depreciativa. Dessa forma, a partir dos relatos dos alunos e da observação em sala, foi possível perceber uma mudança na percepção dos alunos, que discutiram sobre a necessidade do respeito às diferenças culturais e da valorização dos povos indígenas.

Palavras-chave:

Ensino. Educação intercultural. Literatura indígena.

ABSTRACT

The present work addresses themes related to Indigenous Literature in basic education. It is known that Literature is recognized as an art, just like cinema and music, and can and should be enjoyed as such, and equally charged with meaning

¹ Informamos que este texto foi publicado anteriormente, em uma versão mais extensa, nos Anais do II Encontro Nacional de Estudos Linguísticos e Literários.

² Agradecemos o apoio financeiro para a realização desta pesquisa que foi contemplada com fomento da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão – FAPEMA e da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL.

and uniqueness. However, what is perceived in practice, in schools, is that what predominates in the students' imagination are the stories of the Eurocentric canon, so that often indigenous literature refers only to the most well-known folk stories. Thus, based on a bibliographic study, a field research was carried out in an elementary school, focusing on indigenous literature, aiming to analyze the perception of 6th and 7th grade students about the indigenous tales, worked on in the classroom by teachers. It was found that the students' knowledge about the theme was incipient, as well as that the view they had about indigenous peoples, before the realization of the project, was caricatured and derogatory. Thus, from the students' reports and the observation in the classroom, it was possible to perceive a change in the perception of the students, who discussed the need to respect cultural differences and to value indigenous peoples.

Keywords:

Teaching. Intercultural education. Indigenous literature.

1. Introdução

A Literatura é reconhecidamente uma arte carregada de significação e singularidade, e que pode possibilitar aos leitores a vivência de experiências tanto estéticas, como éticas, sendo que “a fruição literária apresenta desafios e demanda uma percepção sensível, que ultrapasse utilitarismos e preconceitos, constituindo-se como uma experiência singular” (RANKE; MAGALHÃES, 2011, p. 46).

E no que se refere a preconceitos e utilitarismos, observa-se que a literatura na maioria das escolas brasileiras tem sido utilizada para reforçar estereótipos, desvalorizando assim a cultura nativa do nosso país e exaltando de forma enfática o ideal de supremacia da cultura europeia.

Nessa perspectiva, desenvolveu-se este estudo, que tem como objetivo central discutir sobre a percepção de alunos acerca de uma literatura que, em via de regra, não está nas escolas, pois é de autoria de sujeitos silenciados pela história e marcados por muitos estereótipos negativos que foram construídos ao longo desses mais de quinhentos anos da invasão de suas terras: os povos indígenas.

Nesse cenário, o que se percebe na prática, nas escolas, é que o que predomina no imaginário dos alunos são as histórias do cânone eurocêntrico, de modo que as manifestações literárias não canônicas, como a Literatura Indígena, são desconhecidas e quando trabalhadas, são feitas de forma que ratifica os inúmeros estigmas sobre esses povos.

Dessa forma, visando uma ação que de fato possa contribuir para a formação cultural dos discentes, o presente artigo visa fazer um apontamento sobre Literatura Indígena e Literatura e Ensino, por meio da abordagem teórica e de uma análise descritiva e exploratória sobre a percepção dos alunos sobre a literatura indígena e os povos citados nos contos, organizados por Daniel Munduruku no livro “Contos Indígenas Brasileiros”, trabalhados em sala de aula. Adotando para isso a metodologia da pesquisa bibliográfica e de campo (TRIVIÑOS, 1987).

A promoção desse tipo de conscientização nas escolas é um importante passo para formar cidadãos que compreendam a complexidade cultural do país em que vivem e que não cometam atos ofensivos contra o seu semelhante por motivo das diferenças étnicas, culturais ou religiosas. Dessa forma, abre-se um espaço para que os alunos conheçam melhor o outro lado da história e sejam incentivados a pensar criticamente diante dos diversos conhecimentos que lhes são repassados em sala de aula.

Ressalta-se que este estudo é resultado de um projeto de iniciação científica desenvolvido no curso de Letras, Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão e integra o projeto Tramas de saberes & tradição: memória e identidade étnica em contos indígenas, realizado com fomento da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão.

2. Resultados

Iniciou-se o projeto em sala de aula, buscando o conhecimento prévio dos alunos sobre Literatura, em especial a Indígena, pois comungamos da visão de Carvalho (2011, p. 23) que ressalta a importância do arcabouço de saberes dos leitores sobre o gênero e a temática para as leituras que se quer propor em sala de aula, “porque entre a leitura de uma obra e o efeito pretendido ocorre o processo da compreensão, exigindo do leitor não só a utilização do conhecimento filológico, mas de todo o seu conhecimento de mundo acumulado”.

Então, para se chegar a essas informações foram aplicados dois questionários, um para sondar seus conhecimentos iniciais sobre o tema, e outro para averiguar se houve uma mudança de percepção da

literatura indígena para com os alunos, após a realização das atividades.

Sobre os conhecimentos prévios, apesar de 75% dos alunos afirmarem que já participaram de trabalhos de leitura e análise de textos literários em sala de aula, a maioria deles (67%) afirmou que nunca estudou textos de literatura indígena em sala de aula, e mais da metade (53 %) disse que nunca ouviu falar de literatura indígena. Esses dados demonstram que a Literatura Indígena não está sendo trabalhada de forma satisfatória em sala de aula, assim também como constatou Bonin (2015) em seu trabalho.

Por isso, decidiu-se por fazer em campo, na realização do projeto, uma abordagem teórica sobre Literatura, seguida de uma discussão sobre Literatura Indígena, tendo em vista a importância desse tipo de narrativas para a formação literária e cidadã dos alunos, pois como defende Thiél (2013, p. 1176) a leitura e o debate de textos de autoria indígena são uma “forma não só de conhecer visões estéticas e temáticas diferentes, mas também de valorizar o outro, o diferente, que deve ter sua história, sua presença e visão de mundo reconhecidas”.

Ao se investigar o entendimento dos alunos sobre literatura, constatou-se pelas respostas que os alunos já tiveram contato com vários tipos de Literatura e que têm uma visão positiva sobre narrativas literárias, sendo que foi enfatizado em suas respostas o caráter da verossimilhança, contudo foi também apontada a importância dessas narrativas para que se amplie o conhecimento de mundo. Importante também ressaltar que é na escola que a maioria dessas crianças tem contato com esse tipo de leitura. Espaço privilegiado para estudos literários, que podem contribuir para

[...] a consciência do eu em relação ao outro; a leitura do mundo em seus vários níveis e, principalmente, dinamizam o estudo e conhecimento da língua, da expressão verbal significativa e consciente - condição sine qua non para a plena realidade do ser. (COELHO, 2000, p. 16)

Nesse sentido, Azevedo (2004, p. 40) defende que por meio de “(...) uma história inventada e de personagens que nunca existiram, é possível levantar e discutir, de modo prazeroso e lúdico, assuntos humanos relevantes (...)”. Contribuindo, inclusive, para o debate de questões “(...) geralmente evitados pelo discurso didático-informativo – e mesmo pela ciência – justamente por serem considerados subjetivos, ambíguos e imensuráveis”.

Também se observou, como demonstram os resultados da pesquisa, que os alunos trabalharam textos literários nas aulas de Língua Portuguesa, contudo, sem contato mais direto com a Literatura Indígena, sendo que aqueles que tiveram, fizeram com a professora do ano letivo cursado anteriormente, que é a única a trabalhar esse tipo de literatura na escola campo da pesquisa. Além disso, os alunos, em sua maioria, relataram não realizarem atividades de análise com textos literários em sala de aula e quando realizam, o fazem com uma literatura que, tanto os alunos quanto a professora, consideram mais acessível à faixa etária dos discentes, no caso as “Histórias em quadrinhos”, em especial, aquelas que já vêm no livro didático. O que é compreensível, porque “Ler não é tarefa fácil para quem ainda não foi “conquistado” e é impraticável para quem não compreende aquilo que lê” (FAILLA, 2016, p. 20).

A esse respeito, Fogaça (2003) analisa que o sucesso com o uso dessa literatura, entre as crianças, decorre do fato de proporcionar uma leitura que trabalha o lúdico, em textos mais curtos, trazendo personagens dos seus cotidianos, o que facilita a leitura. Contudo, vale ressaltar que apesar de ser considerada uma leitura mais fácil, não pode ser menosprezada e considerada como uma literatura menor, pois como afirma Gralik (2007):

[...] as histórias em quadrinhos por vezes trazem conteúdos contraditórios e dentro dessa linha de pensamento não podem ser vistas apenas como desenhos, pois envolvem ideias, conceitos, valores, ideologias e crenças. (GRALIK, 2007, p. 18)

E isso tem que ser levado em consideração, pois na análise de Paulino (2010, p. 161), o que se observa em muitas escolas brasileiras é que

Os modos escolares de ler literatura nada têm a ver com a experiência artística, mas com objetivos práticos, que passam da morfologia à ortografia sem qualquer mal-estar. Se for perguntado a um incauto mestre que tipo de leitor quer formar, possivelmente a resposta passará por idealizações distantes das práticas culturais concretas. (PAULINO, 2010, p. 161)

Essa mudança de atitude dos mediadores da leitura na escola, em particular, o (a) professor (a), é tão necessária quanto urgente, dentro dessa proposta de uma educação que se queira crítica, propicie autonomia e auxilie na construção da cidadania. Pois, como assinala Failla (2016, p. 25): “Não há dúvidas de que a mediação, quando promovida pelo professor, pelo bibliotecário, pela família, por um volun-

tário ou outro agente leitor é poderosa no despertar do interesse pela leitura”.

Já no que se refere ao volume de leitura, quando questionados sobre os livros que haviam lido por completo, o que foi perceptível é que eles tiveram contato, de forma mais acentuada, com a literatura de origem europeia.

Como se pode perceber, pelos relatos dos alunos, eles não tinham prática de analisar os textos literários, contudo liam com frequência. Vale ressaltar que o que chamou a atenção, foi o livro “Jogando xadrez com os anjos”, pois apesar de ser uma narrativa sobre como uma menina vê o mundo, não é uma obra comum na leitura de crianças. Enfatizando também que é uma história primorosa para se discutir sobre convivência, em especial, com a diferença e os obstáculos.

Nesse contexto, Failla (2016, p. 27) defende que:

Além de dizer se estamos lendo mais ou menos, entendo que devemos avaliar se é essa leitura que queremos para as novas gerações. A leitura em questão é prazerosa, autônoma, desenvolve a capacidade de crítica e de construção de conhecimento... Ela humaniza? Também devemos avaliar tendências, interesses, o que mobiliza, quais são as barreiras para a leitura e a formação leitora. Enfim, é preciso aprofundar essa análise para orientar caminhos. (FAILLA, 2016, p. 27)

Quanto à leitura de obras que possam contribuir para a construção do conhecimento em um país como Brasil, de rica diversidade étnica, pode se apontar que seja essencial que a Literatura Indígena também chegue às salas de aula, para que não indígenas também conheçam uma cultura tão importante para a formação do povo brasileiro. De tamanha importância que até se sancionou a lei 11.645/08 para que se torne prática nas instituições de ensino do Brasil.

Por isso, questionou-se aos alunos sobre o estudo dessa literatura na escola. E como se pode ver a seguir, no Quadro 1, conforme foi dito anteriormente, uma parcela considerável deles já havia entrado em contato com textos dessa modalidade, devido ao trabalho realizado pela professora da série anterior.

Quadro 1: Respostas dos alunos à pergunta: “Caso tenha estudado textos de literatura indígena em sala de aula, diga quais”.

“Foi no quinto ano, a gente já estudou muito a literatura indígena”.
“Eu nunca li esses textos, não”.
“Alguns textos dos tempos passados.”

“Sim ano passado eu tive que ler o livro Abaré.”

“Foi do Bahira.”

Fonte: Pesquisa de Campo (2019).

“Bahira” é um conto indígena que faz parte do livro didático trabalhado em sala de aula e “Abaré”, obra citada pelo aluno, é um livro imagem (Ver figuras 01, 02 e 03), de autoria de Graça Lima e faz parte do acervo das obras complementares do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa do Ministério da Educação. O livro apresenta a história de um índiozinho e seus abarés (amigo em Tupi-Guarani). Sendo que as ilustrações trazem suas aventuras e descobertas pelo mundo, que o ajudam a amadurecer e a conviver com a diferença, além da valorização e cuidado com a natureza.

Figura 1: Capa da obra Abaré.



Fonte: Lima (2014).

Figura 2: Página do livro Abaré.



Fonte: Lima (2014).

Figura 3: Página do livro Abaré.



Fonte: Lima (2014).

Ao trabalhar essa obra, pode se afirmar que a professora segue a linha de raciocínio de Grossi (2008, p. 03) que acredita que “(...) incentivar a formação de leitores é não apenas fundamental no mundo globalizado em que vivemos. É trabalhar pela sustentabilidade do planeta, ao garantir a convivência pacífica entre todos e o respeito à diversidade”.

Como essa professora era exceção no trabalho com a Literatura indígena nessa escola, buscou-se saber as motivações que a levaram a trabalhar esses textos com seus alunos, e em entrevista, a mesma afirmou que:

Ao trabalhar com a literatura africana, percebi que, na escola em que trabalho, nunca se trabalhou/trabalhava a indígena, salvo a data 19 de abril e nas séries iniciais. Comecei a trabalhar a literatura indígena com obras não verbais, fazendo com que os alunos lessem e apresentassem a sua versão para tal obra. Depois, eles contariam essas histórias em textos escritos. Sempre comparando com a realidade dos outros seres humanos. Decidi, definitivamente, trabalhar a literatura indígena quando estudei a disciplina na universidade. Vi o quanto é rica em valores, ensinamentos e o quanto poderia auxiliar meus alunos na ruptura de certos tabus e preconceitos. Quando conheci o Daniel Munduruku, ele colocou mais “piolhos” em minha cabeça e resolvi seguir essa linha de estudos e pesquisa na minha carreira profissional. (WALQUIRIA LIMA, Entrevista realizada em 2019)

Pelo que afirma a professora, é possível dizer que sua ação é consequência da formação que teve, dessa forma, as leituras que propõe são influenciadas pelas leituras que fez. Pois como assinala Indursky e Zinn (1985, p. 56):

Assim a produção de leitura consiste no processo de interpretação desenvolvido por um sujeito-leitor que, defrontando-se com um texto, analisa, questiona com o objetivo de processar seu significado proje-

tando sobre ele sua visão de mundo para estabelecer uma interação crítica com o texto. (INDURSKY; ZINN, 1985, p. 56)

Importante frisar também que ao refletir sobre a importância desse tipo de literatura, ela também entende que ler texto de autoria indígena contribui tanto para atender à lei, quanto para a formação humana de seus alunos. Indo ao encontro do pensamento de Martins (1986) ao afirmar que:

A função do educador não seria precisamente ensinar e ler, mas a de criar condições para o educando realizar sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta. (MARTINS, 1986, p. 34)

Atendendo também as diretrizes dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998, p. 36): “Não se formam bons leitores oferecendo materiais empobrecidos, justamente no momento em que as crianças são iniciadas no mundo da escrita. As pessoas aprendem a gostar de ler quando, de alguma forma a qualidade de suas vidas melhora com a leitura”. No âmbito dessa abordagem, conhecer aspectos das culturas dos povos nativos a partir de textos literários pode trazer a esses indivíduos a possibilidade de conhecer também as raízes do povo brasileiro. Pois, ainda de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998):

O envolvimento do aluno no processo de aprendizagem deve propiciar ao aluno encontrar sentido e funcionalidade naquilo que constitui o foco dos estudos em cada situação de sala de aula. De igual maneira, propiciar a observação e a interpretação dos aspectos da natureza, sociais e humanas, instigando a curiosidade para compreender as relações entre os fatores que podem intervir nos fenômenos e no desenvolvimento humano. As formas de ensinar e aprender são contextualizadas e dessa forma permite ao aluno se relacionar com os aspectos presentes da vida pessoal, social e cultural, mobilizando as competências cognitivas e emocionais já adquiridas para novas possibilidades de reconstrução do conhecimento. (BRASIL, 1998, p. 149)

Uma reconstrução necessária, no que concerne ao que é trabalhado nas escolas sobre os povos indígenas e que reforçam estereótipos e preconceitos negativos. Já sobre o conteúdo de livros de literatura indígena, que podem contribuir para esse propósito, Lima (2012) aponta que eles trazem

[...] as marcas sígnicas de um povo, retrata as visões de mundo e, ainda, mas não menos importantes, tratam de questões que são valiosas para a comunidade, como a saúde e a terra, que são assuntos muito re-

correntes nos livros (e também em outros suportes) produzidos por eles. (LIMA, 2012, p. 60)

E ao entrar em contato com todas essas informações, possivelmente os alunos não indígenas podem mudar suas posturas, assim como podem ser desconstruídas visões incoerentes e desrespeitosas sobre esses povos. Podendo também ocorrer uma sensibilização para o tema, como ocorreu depois da ação desenvolvida em sala de aula para se discutir sobre Literatura Indígena, como demonstraram as respostas dadas ao questionário final, realizado a fim de verificar a percepção das crianças em relação ao tema depois das atividades desenvolvidas, sendo que este apontou que aproximadamente 99% dos alunos compreenderam melhor esse tipo de escrita.

Além disso, grande parte das crianças demonstrou ter compreendido aspectos relevantes, tais como o caráter artístico da literatura indígena, seja ela falada ou escrita; o valor literário da literatura indígena, chegando-se à conclusão que todas as culturas e literaturas têm o seu valor e devem ser respeitadas.

Nas discussões nas aulas expositivas, foi possível perceber que grande parte dos alunos ainda não tinha uma opinião formada acerca dos povos indígenas, tendo em vista serem alunos dos sextos e do sétimo ano do Ensino Fundamental. Assim, procurou-se abordar o tema explanando não só sobre as características peculiares à cultura indígena, mas também situá-los dentro do contexto social brasileiro.

Assim, foi realizada em sala de aula uma atividade interdisciplinar de leitura, partindo dos contos indígenas da referida obra, em que foi possível realizar uma prática de leitura coletiva, em que todos os alunos foram incentivados a lerem um parágrafo das histórias, e de interpretação textual, atividade em que se buscou o entendimento das histórias que foram lidas. Importante frisar que o resultado foi positivo, pois os alunos compreenderam, em especial, as lições que cada texto sugeria.

Salienta-se, ainda, que essas atividades de leitura envolveram duas outras áreas do conhecimento: a Geografia e a História. A geografia porque nessa obra de Daniel Munduruku há mapas que especificam as regiões geográficas às quais pertence cada povo indígena, ao qual se atribui a autoria de cada conto. Logo, os alunos aprenderam, a partir desse estudo geográfico, que “os indígenas” não são indivíduos isolados e que não vivem exclusivamente nas matas do Amazonas,

mas que também habitam outras regiões do Brasil, inclusive há aqueles que vivem em zonas urbanas.

Nas atividades, que envolveram a História, por estar intrinsecamente relacionada à questão indígena, os alunos puderam conhecer melhor sobre a diversidade étnica indígena e discutir sobre os estereótipos que são relacionados aos indígenas desde o período colonial.

A esse respeito, Thiél (2013, p. 1177) assevera que

A leitura dos mais variados gêneros textuais e em especial da literatura proporciona, então, o conhecimento da pluralidade cultural do país, o que implica promover também a liberdade e igualdade de expressão, o exercício da cidadania e, conseqüentemente, o distanciamento de pré-julgamentos baseados em visões estereotipadas e pejorativas do outro e de sua cultura. (THIÉL, 2013, p. 1177)

E, durante as atividades para interpretação textual dos contos, os alunos se manifestaram e deram contribuições, associando elementos da história lida, fazendo inter-relações com histórias que ocorreram com eles ou com pessoas conhecidas. E ao se valorizar as contribuições do aluno durante o processo ensino aprendizagem, foi possível vivenciar uma experiência de aprendizagem que é consonante ao que propõem os PCN (BRASIL, 1998, p. 70), quando dizem que “o aluno deve pôr em jogo tudo o que sabe para descobrir o que não sabe”.

Nesse aspecto, com os contos “A onça valentona e o raio poderoso” e “Por que o sol anda tão devagar?”, por exemplo, também foi possível falar do respeito às diferenças individuais e da importância de não subestimar nenhuma pessoa por causa de suas características. E o respeito às diferenças foi apontado pelos alunos como uma necessidade, não sendo necessário apenas com as pessoas de culturas diferentes, mas, em especial, com aqueles que os rodeiam.

Assim sendo, a Literatura Indígena, embora não faça parte do cânone literário comum aos estudos literários escolares, não deve ser vista como uma expressão literária menor, pois apesar de suas particularidades e diferenças, em especial, por ter sua base na tradição poética da oralidade, já é considerada “literatura” por muitas instituições formais de produção de conhecimento.

Quanto às peculiaridades da Literatura Indígena, Santos (2017, p. 76) assevera que

A literatura indígena é uma manifestação artística que traz à tona diversos elementos pertencentes ao universo indígena, dentre esses ele-

mentos podemos citar a presença da oralidade que cativa e instiga o imaginário do leitor. Essa literatura apresenta as muitas representações do imaginário por meio dos mitos, das lendas e dos costumes dos povos ameríndios que são caracterizados em narrativas lendárias em que seres humanos e não humanos compartilham do mesmo espaço. (SANTOS, 2017, p. 76)

Outrossim, diversos trabalhos na área de Literatura e Ensino tratam da relevância da abordagem de temas envolvendo a cultura indígena em sala de aula e corroboram a realidade e os efeitos do ensino eurocêntrico. Além disso, tais pesquisas mostram que embora os estudos literários e culturais indígenas devam obrigatoriamente ocorrer no ambiente escolar, muitos alunos ainda possuem uma visão distorcida em relação aos povos indígenas. Fato comprovado no estudo de Baggio e Guelfi (2013), que observaram que a imagem do indígena que permeava o imaginário de 64% alunos questionados é a do estereótipo dos homens que vivem nus na floresta, morando em ocas e falando Tupi.

Os dados obtidos na referida pesquisa ainda revelam que “54% dos estudantes desconsideravam que havia indígenas, habitando o Brasil, antes da chegada dos Portugueses. Aprenderam que o Brasil foi descoberto por Pedro Álvares Cabral” (BAGGIO; GUELFY, 2013). Percebe-se, portanto, que ou esses alunos não foram ensinados sobre a história do Brasil de forma coerente, ou a mesma lhes foi ensinada de forma inadequada, utilizando-se exclusivamente a perspectiva do colonizador para esse ensino.

Isso mostra que o espaço da Literatura Indígena dentro do ambiente escolar também não está sendo ocupado de forma satisfatória, o que faz com que, muitas vezes, a mesma seja proposta a esses alunos de maneira limitada às histórias folclóricas mais conhecidas e que a figura histórica do indígena seja discutida apenas no dia 19 de Abril, de forma estereotipada (BONIN, 2015).

Brandileone e Valente (2018, p. 2013), a respeito da Literatura Indígena, ressaltam que “não há dúvida sobre o valor cultural, antropológico, histórico, que esse saber ancestral, intimamente ligado à natureza, ocupa ou deva ocupar em nossa sociedade”. Isso porque a história indígena, assim como sua literatura, são peças integrantes do quebra-cabeça da formação da história do povo brasileiro.

Nesse aspecto, Santos (2017, p. 78-79) também afirma que “a leitura é uma forma de prazer e de obtenção de conhecimentos, de

desenvolvimento cultural e de interação com o meio” e defende o uso dos textos indígenas como ferramenta pedagógica, em que os mesmos podem ser utilizados para atrair os alunos ao hábito da leitura, sendo a literatura indígena “uma leitura agradável e rica”, “de múltiplas modalidades discursivas”, “que expande horizontes, promove a reflexão do leitor e faz também um diálogo interdisciplinar de conhecimentos”.

E “como educadores, temos de nos deparar com a questão da inclusão social e cultural, bem como com o silenciamento ou a invisibilidade dos grupos indígenas ao longo da história, que devem ser revistos” (THIÉL, 2012, p. 11). Assim, devem-se dar os instrumentos para que os alunos se tornem autodidatas e busquem conhecer a veracidade dos fatos, e não, limitá-los a serem apenas ouvintes em sala de aula.

Portanto, é essencial que haja iniciativas por parte dos profissionais da área da educação que visem contribuir para uma formação intelectual dos alunos, que também seja crítica e consciente de problemáticas tais como a indígena, para que sejam levados a pensar criticamente sobre a formação social do país em que vivem e a reconhecer suas origens étnicas.

Saliente-se ainda que “é de fundamental importância que os estudantes de escolas públicas compreendam que aprender a ler e escrever é somente o começo de um grande processo de letramento visual, político, social, ético, etc”, pois a educação deve ser um instrumento para que se abra os olhos para a realidade e para os fatos, e não alienar (RODRIGUES, 2016).

Com efeito, a promoção desse tipo de conscientização nas escolas é um importante passo para formar cidadãos brasileiros que compreendam a complexidade cultural do país em que vivem e que não cometam atos ofensivos contra o seu semelhante por motivo de diferenças étnicas, culturais ou religiosas.

3. Considerações finais

A partir dos dados levantados, percebeu-se que o conhecimento das crianças a respeito dos povos indígenas era incipiente. Contudo, as atividades realizadas em sala, durante o projeto de leitura dos contos indígenas, adensaram seus conhecimentos. Percebeu-se ainda, os efeitos do ensino eurocêntrico, e que a conscientização social da criança

deve ocorrer o mais cedo possível, para que se formem cidadãos cada vez menos preconceituosos, evitando que se formem com ideias vindas de estereótipos errôneos.

Diante da atualidade e da necessidade de se abordar a questão da literatura indígena em sala de aula, faz-se de suma importância a realização de atividades de conscientização e de diálogo com os alunos. Espera-se, por meio dessa prática pedagógica, ajudar a discutir sobre o mito da colonização e a imagem folclórica que se tem dos membros das etnias indígenas.

Dessa forma, além de se gerar uma conscientização social e histórica para com os alunos, espera-se também contribuir com o processo de educação intercultural, pois se acredita que a promoção desse tipo de conscientização nas escolas é um importante passo para formar cidadãos brasileiros que compreendam a complexidade cultural do país em que vivem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, R.. Formação de Leitores e Razões para a Literatura. In: SOUZA, Renata Junqueira (Org.). *Caminhos para a formação do leitor*. São Paulo: DCL, 2004.

BAGGIO, C. R.; GUELFY, W. P. A metodologia da problematização e a temática indígena no contexto escolar. In: _____. *Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor*. PDE, 2013. Curitiba: SEED/PR., 2013. V.1. (Cadernos PDE). Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_ufpr_cien_artigo_celma_regina_baggio.pdf>. Acesso em 02 dez. 2018. ISBN 978-85-8015-076-6.

BONIN, I. T. Culturas indígenas na sala de aula. *Porantim*: Em defesa da causa indígena. [s.l.], p. 1-4. Jan. e Fev. 2015. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=hemerioindio&pagfis=14320>>. Acesso em: 22 mar. 2019.

BRANDILEONE, A. P. F. N.; VALENTE, T. A. Literatura indígena para crianças: o desafio da interculturalidade. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, [s.l.], n. 53, p. 199-217, abr. 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2316-4018538>.

BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa*. Brasília/DF: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. LEI Nº 11.645, DE 10 DE MARÇO DE 2008. *Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”*. Brasília, DF, mar 2017. Disponível em: <http://www.imprensanacional.gov.br/mp_leis/leis_texto.asp?ld=LEI%209887>. Acesso em: 12 out. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília/DF: MEC, SEF, 1998.

CARVALHO, Diógenes B. A. de. *As crianças contam as histórias: os horizontes dos leitores de diferentes classes sociais*. Teresina: EUFPI, 2011.

COELHO, N. N. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

FAILLA, Z. Retratos: Leituras sobre o comportamento leitor do brasileiro. In: FAILLA, Z. (Org.). *Retratos da leitura no Brasil 4*. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

FOGAÇA, A. G. *A contribuição das Histórias em Quadrinhos na formação de leitores competentes*. 2003. Disponível em: <http://www.revista.acbsc.org.br/index.php/racb/article/viewFile/765/pdf_36>

GRALIK, T. P. *As histórias em quadrinhos no ensino de artes visuais na perspectiva dos estudos da cultura visual*. Dissertação de Mestrado defendida na UDESC: 2007. Disponível em: http://www.tede.udesc.br/tde_arquivos/2/TDE-2008-06-19T061009Z-470/Publico/Thais%201.pdf.

GROSSI, G. P. Leitura e sustentabilidade. *Nova Escola*, n. 18, São Paulo, SP, abr. 2008.

INDURSKY, F.; ZINN, M. A. K. Leitura Como Suporte Para a Produção Textual. *Revistas Leitura Teoria e Prática*, n. 5, 1985.

LIMA, A. M. A. de. *O livro indígena e suas múltiplas grafias*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, da FaLe/UFMG. Belo Horizonte, 2012.

LIMA, G. *Abaré*. São Paulo: Paulus, 2014.

LIMA, W. Entrevista concedida a Lilian Castelo Branco de Lima. Imperatriz, jul. 2019.

MARTINS, M. H. *O que é leitura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MUNDURUKU, D. *Contos indígenas brasileiros*. São Paulo: Global, 2005.

PAULINO, G. Letramento literário: cânones estéticos e cânones escolares. In: PAULINO, G.; ROSA, C. *Das leituras ao letramento literário*. Belo Horizonte: FaE/UFMG; Pelotas: UFPel, 2010. p. 154-65

RANKE, M.; MAGALHÃES, H. Breves considerações sobre fruição literária na escola. *Entreletras – Revista do Mestrado em Ensino de Língua e Literatura da UFT*, v. 3, p. 47-61, 2011.

RODRIGUES, W. O ambiente escolar e a valorização cultural indígena. *Periferia: Educação, cultura e comunicação*, [s.l.], v. 8, n. 1, p.106-122, 10 jun. 2016. Universidade de Estado do Rio de Janeiro. <http://dx.doi.org/10.12957/periferia.2016.21990>.

SANTOS, F. B. dos. LEITURA DA LITERATURA INDÍGENA EM SALA DE AULA: Contribuições para o ensino. *Rios Eletrônica: Revista Científica da FASETE*, Paulo Afonso, n. 20171, p.75-83, jul. 2017.

THIÉL, J. C. A Literatura dos Povos Indígenas e a Formação do Leitor Multicultural. Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC – PR), Curitiba/PR – Brasil. *Educação e Realidade*, v. 38, n. 4, Porto Alegre, p. 1175 – 1189, out/dez. 2013.

_____. *Pele silenciosa, pele sonora: a literatura indígena em destaque*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.